



Gradiência e mudança linguística: o caso de “entretanto”*

Maria da Conceição de Paiva

Universidade Federal do Rio de Janeiro

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8261-6575>

paiva@club-internet.fr

Priscila Thaiss da Conceição de Medeiros

Secretaria Municipal de Educação da cidade do Rio de Janeiro

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0299-194X>

pri_thaiss@yahoo.com.br

RESUMO

A categorização dos diferentes tipos de unidades linguísticas em classes estanques constitui um problema central para qualquer modelo linguístico. No entanto, ganha relevo e tem despertado a atenção de estudiosos que defendem a inexistência de fronteiras entre sistema e uso. Na perspectiva dos Modelos Baseados no Uso, gradiência é concebida como uma característica inerente aos sistemas linguísticos e uma decorrência natural da gradualidade da mudança linguística. Neste artigo, retomamos essa questão com base em uma análise diacrônica do desenvolvimento de *entretanto* como elemento de conexão de unidades discursivas a partir de seus usos adverbiais. Através do levantamento de dados em textos dos períodos arcaico, clássico e moderno/contemporâneo do português, mostramos que a construção temporal *entretanto* incorporou propriedades dos elementos juntivos e estendeu-se para o domínio do contraste. Segundo as evidências atestadas, esse processo pode ter sido impulsionado pelo fato de que a construção adverbial e a construção juntiva partilham diversas propriedades morfosintáticas e contextuais. Destacam-se a importância da posição de *entretanto* na periferia esquerda da oração, sua coocorrência com outros elementos de ligação, o tipo de estado de coisas codificado na oração, assim como suas propriedades aspectuais e de modo. Essa convergência conduz a uma gradação de usos que se situam num *continuum* entre advérbio e conector.

PALAVRAS-CHAVE: Gradiência; Mudança linguística; *Entretanto*.

Gradience and language change: the case of “entretanto”

ABSTRACT

The categorization of different types of linguistic units into closed classes is a central problem for any linguistic model. However, they gain importance and have attracted the attention of scholars who defend the inexistence of boundaries between system and use. From the perspective of the Usage-Based Models, gradience is conceived as an inherent characteristic of linguistic systems and a natural consequence of the gradualness of language change. In this article we revisit this issue based on a diachronic analysis of the development of *entretanto* (*meanwhile*) as a connector of discursive units from its adverbial uses. Through a survey of data in written texts from the archaic, classical and modern/contemporary periods of Portuguese, we show that *entretanto* (*meanwhile*) has incorporated properties of the conjunctive elements and extended to the

* A análise apresentada neste artigo é parte da tese de doutorado de Medeiros (2017), inédita.



domain of contrast. According to the attested evidences, this process may have been driven by the fact that the adverbial and connector uses of *entretanto* share several morphosyntactic and contextual properties. It stands out the importance of the position of *entretanto* on the left periphery of the clause, its co-occurrence with other connecting elements, the type of state of affairs encoded in the clause as well as its aspectual and mood properties. This convergence leads to a gradation of uses that are situated on a *continuum* between adverb and connector.

KEYWORDS: Gradience; Language change; *Entretanto*.

1. Introdução

Na perspectiva dos Modelos Baseados no Uso, as denominadas categorias morfossintáticas ou partes do discurso só podem ser concebidas em termos de uma escala gradiente que resulta, naturalmente, das particularidades das múltiplas instâncias de uso e das analogias que os falantes estabelecem entre elas. Assim, as fronteiras entre categorias não são rígidas e podem se diluir como consequência das mudanças por que passam as línguas naturais ao longo do tempo. Um exemplo emblemático dessa situação é o conjunto de elementos incluídos sob o rótulo de conectores, dada a sua flexibilidade e constante renovação. Como esses elementos de coesão discursiva são formados a partir de construções já disponíveis na rede linguística do falante, eles podem resultar em “categorias” intermediárias que conjugam propriedades associadas a categorias distintas.

Neste artigo, retomamos essa questão a partir de uma análise dos usos de *entretanto* ao longo do desenvolvimento do português. Embora a grande maioria das gramáticas incluam *entretanto* no conjunto das conjunções coordenativas adversativas, vários estudos já mostraram que essa forma, diferentemente de *mas*, por exemplo, não satisfaz todas as condições frequentemente convocadas para delimitar essa classe. A título de ilustração, destaque-se a flexibilidade posicional de *entretanto* e a possibilidade de ser precedido por uma conjunção coordenativa. O objetivo central do artigo é mostrar que, embora *entretanto*, inicialmente uma construção adverbial, incorpore funções juntivas (oracional e discursiva) no curso do seu desenvolvimento, resta uma zona de imprecisão/indeterminação que dificulta sua classificação como advérbio ou conector.

O artigo está organizado da seguinte forma: na seção 2, discutimos a questão da categorização, apresentando argumentos que permitem refutar uma visão clássica da relação um a um nos moldes aristotélicos. Insistimos, particularmente, na necessidade (e dificuldade) de determinar o conjunto de propriedades/atributos que permita estabelecer fronteiras claras entre as denominadas categorias gramaticais. Na seção 3, focalizamos a trajetória de *entretanto*, com base em dados atestados em textos dos períodos arcaico, clássico e moderno/contemporâneo do português, destacando as principais mudanças semânticas que culminaram na sua inserção no conjunto de construções de contraste. Na seção 4, salientamos a convergência das propriedades morfossintáticas e contextuais entre os usos adverbiais e juntivos de *entretanto*.



2. Gradiência, variação e mudança

Numa perspectiva de dinamicidade do sistema linguístico, como a defendida por diferentes modelos funcionalistas e pelos Modelos Baseados no Uso (MBU), gradiência é uma propriedade inerente às línguas naturais, está intimamente relacionada à variação e ocorre nos diferentes níveis da língua. Ligado à categorização linguística, um princípio de gradiência se contrapõe a uma perspectiva que remonta a Aristóteles, para quem as fronteiras entre categorias linguísticas são rígidas e o pertencimento de um membro/item a uma categoria A ou B é uma questão de “tudo ou nada”. Essa visão é discutida a partir da ênfase na fluidez das fronteiras entre categorias linguísticas, resultando, necessariamente, em situações intermediárias (DENISON, 2001; TRAUGOTT e TROUSDALE, 2010; BYBEE, 2010). Como destaca Aarts (2004, p. 2):

Gradience in grammar is usually characterized as the phenomenon of blurred boundaries between two categories of form classes and such that certain elements can be said clearly to belong to α , others indisputably to β with a third group of elements belonging to the middle ground between the two categories.

A visão aristotélica de categorias discretas predominou, no geral entre muitos filósofos e gramáticos do início do século XX, assim como na maioria das perspectivas estruturalistas. No entanto, alguns autores já reconheciam a existência de uma gradação entre categorias como uma característica inegável das línguas humanas (cf., por exemplo, SAPIR, 1921; WITTGENSTEIN, 1953). Em muitos trabalhos, gradiência encontra correspondência em termos tão variados como imprecisão, vagueza, indeterminação, generalidade. Merece destaque a posição de Bolinger (1961) a respeito do que o autor denomina *generality*, entendida como o fato de que uma elocução pode ter mais de uma interpretação, mas nem sempre é possível distingui-las claramente. Ainda na posição de Bolinger, a existência de continuidade em certos comportamentos humanos é um fato e a delimitação das fronteiras entre categorias pode ser melhor representada como “uma escada desgastada do que uma nova escada”¹ (BOLINGER, 1975, p. 244, citado em AARTS, 2004, p. 350). Para o autor, o que pode ser discutido é se esses fenômenos constituem objeto de estudo linguístico.

Como se pode esperar, o reconhecimento de gradiência entre categorias morfossintáticas ou semânticas depende de pressupostos que envolvem a própria concepção de sistema linguístico. A questão levantada por Bolinger só teria pertinência em modelos que separam gramática e uso linguístico. Assim, mesmo se gradação entre categorias é admitida por algumas propostas formais, ela é relegada ao plano do uso linguístico. Opondo-se a essa separação, os Modelos Baseados no Uso partem do princípio de que padrões linguísticos mais esquemáticos e regulares resultam de generalizações de similaridades identificadas entre múltiplas instâncias de uso das construções linguísticas (cf. KEMMER e BARLOW, 2000; BOYLAND, 2009; BYBEE, 2006, 2010; TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013; DIESSEL, 2017, 2019). Nessa concepção de gramática como um sistema dinâmico, gradiência é uma propriedade inerente às línguas naturais e as

¹ No original: “as a worn staircase, rather than as a new staircase.” (BOLINGER, 1975, p. 244)

categorias não são preexistentes. Gradiência se manifesta em todos os níveis linguísticos, como destaca Bybee (2010, p. 2): “Todos os tipos de unidades propostas pelos linguistas mostram gradiência, no sentido de que há muita variação no domínio da unidade (diferentes tipos de palavras, morfemas, sílabas) e dificuldade em definir os limites da unidade².”

Numa concepção de língua como um sistema emergente, gradiência pode ser explicada como uma consequência previsível da gradualidade das mudanças linguísticas, principalmente daquelas que envolvem o deslocamento de itens/construções de uma categoria para outra (HOPPER, 1987; BYBEE e HOPPER, 2001). Essa gradualidade resulta na coexistência de diferentes estágios numa trajetória de mudança e pode instaurar polissemias. Essa interrelação entre gradiência e gradualidade encontra fartas evidências nos estudos de gramaticalização ou, mais recentemente, de construcionalização (cf., por exemplo, TROUSDALE e TRAUGOTT, 2010; TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013).

Numa interpretação possível de gradiência, o pertencimento de um item a uma dada categoria é visto como uma questão de grau. Assim, como destacado por Aarts (2004), modelos funcionalistas, como o proposto por Daněš (1966), já defendiam a tese de que os elementos incluídos em uma categoria se distinguem em um *continuum* que vai de um centro a uma periferia, com uma área de superposição que pode resultar em uma classe contígua.

A distinção entre membros centrais e membros periféricos ganha formulação mais explícita na teoria de protótipos, preanunciada de certa forma no conceito de “semelhanças de família”, utilizado por Wittgenstein (1953). Numa perspectiva mais recente, o termo protótipo, inicialmente utilizado nos estudos de Psicologia Cognitiva, foi caracterizado como um conjunto de propriedades percebidas entre diferentes objetos (ROSCH, 1973b, 1975). Protótipos envolvem, portanto, a capacidade dos seres humanos de identificar semelhanças e diferenças. Transposto para a compreensão da categorização linguística, protótipos são considerados por Lakoff (1987b) como “*cognitive reference points*”³. Assim, para os MBU, objetos linguísticos são categorizados a partir dos mesmos mecanismos cognitivos que operam sobre a categorização de objetos naturais e culturais (cf. BYBEE e MODER, 1983).

Essa abordagem enfatiza que, no interior de uma mesma categoria, alguns membros podem ser “melhores do que outros” por apresentarem maior número de propriedades relacionadas à categoria (*Degree of Membership*). Em outros termos, um elemento X pode ser incluído em uma classe C, mesmo se ele apresenta apenas algumas das características dessa classe. Uma dificuldade a destacar é que o grau de pertencimento pressupõe não apenas especificar as propriedades que caracterizam cada categoria, como também identificar aquelas que constituem condições suficientes ou necessárias para a inclusão de X como um membro de C.

Com base em diferenças de distribuição morfossintática, Aarts (2004, 2007) propõe a necessidade de distinguir entre “gradiência subsectiva” e “gradiência intersectiva”. A primeira diz respeito à relação entre os diversos membros pertencentes a uma categoria, o que coloca, ne-

² No original: “All types of units proposed by linguists show gradience, in the sense that there is a lot of variation within the domain of the unit (different types of words, morphemes, syllables) and difficulty setting the boundaries of the unit.”

³ Taylor (1995, p. 59) toma uma posição distinta, considerando protótipo “as a schematic representation of the conceptual core of a category”.

cessariamente, a questão de um *continuum* de centralidade. A segunda diz respeito à fluidez das fronteiras entre categorias distintas. Nos termos de Aarts (2007, p. 97), “gradiência intersectiva envolve duas categorias ou conjuntos de propriedades que podem convergir em um *cline*”⁴. Segundo o autor, esse tipo de gradiência seria mais raro. Numa crítica a essa proposta, Croft (2007), Trousdale e Traugott (2010) argumentam que, ao se limitar a distribuições morfossintáticas e a evidências sincrônicas, Aarts desconsidera aspectos semânticos e funcionais e, conseqüentemente, fatos importantes, como a polissemia. Além disso, como argumentam Trousdale e Traugott (obra citada), como Aarts não considera a interseção entre mudança e gradiência, um fato empiricamente verificável, parece que sua concepção de gradiência intersectiva é apenas a consequência de uma concepção mais superficial de gradiência.

Numa perspectiva construcional da arquitetura da gramática, algumas das questões colocadas até este ponto podem ser relativizadas. Na medida em que os Modelos Construcionais Baseados no Uso rejeitam qualquer distinção categórica entre léxico e gramática (cf. CROFT, 2001; GOLDBERG, 2006; DIESSEL, 2019; dentre outros), a questão de fronteiras entre categorias não se coloca, pelo menos *a priori*. Como defendido por Croft (2001, 2007), categorias não existem independentemente das construções (pareamentos simbólicos de forma e significado) em que ocorrem. Como nessa abordagem o construto primitivo é a construção e não os formativos isoladamente, a existência de categorias discretas é, no mínimo, uma situação atípica (cf. CROFT, 2001, 2007; TRAUGOTT e TROUSDALE, 2010, 2013). Essa concepção incorpora naturalmente questões ligadas à indeterminação entre categorias, sem exigir uma delimitação arbitrária entre elas. Como destacam Van Goethem et al. (2018), numa concepção de sistema linguístico como uma rede de construções, categorias podem ser entendidas de duas formas: como uma classe de elementos que podem preencher o *slot* de uma determinada construção ou como um grupo de palavras que ocorrem nas mesmas construções.

Nessa perspectiva, a relação entre gradiência e mudança pode ser vista mais apropriadamente como a emergência e a convencionalização de novas construções lexicais ou gramaticais a partir de construções já disponíveis na língua (cf. TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013; TROUSDALE, 2018). Diacronicamente, gradualidade pode ser entendida como o resultado da sucessão de micropassos, eles próprios abruptos, que alteram propriedades da forma e do significado de uma construção. Retomando Traugott e Trousdale (2010, p. 39), “alguns desses micropassos podem resultar em sistemas gradientes em qualquer etapa do desenvolvimento de uma determinada língua.”⁵ Na perspectiva de Croft (2001), estágios de mudança envolvem a criação de *types* construcionais intermediários, resultantes da ação de mecanismos mais gerais, como reanálise e analogia.

Como já mostraram diferentes estudos, o desenvolvimento de conectores constitui uma área fértil para a discussão de fronteiras entre léxico e gramática e para a análise da interseção/convergência entre categorias linguísticas. Em sua maior parte, elementos de ligação oracional ou discursiva se desenvolvem a partir da reanálise de construções preposicionais, adverbiais, ver-

⁴ No original: “*intersective gradience involves two categories or sets of properties which may converge ‘on a cline’.*”

⁵ No original: “*Some of these micro-steps may give rise to gradient systems at any synchronic ‘slice’ in the development of a particular language.*”

bais ou nominais. Com o acréscimo de *que*, um transpositor nos termos de Bechara (2009), ou subordinador, na perspectiva de Lehmann (2002), a essas bases, podem ser formadas sequências menos composicionais (“*chunkings*”, nos termos de Bybee, 2010) que resultam em novas construções conectoras. Embasada na perspectiva construcionista proposta por Traugott e Trousdale (2013), Cezario et al. (2015) propõem que essas formações constituem microconstruções licenciadas por um esquema mais abstrato, [XQUE]_{CONEC.} (cf. também SANTOS e CEZARIO, 2017; FERNANDES, 2019; SILVA, 2019; SANTOS e SILVA, 2019). Sancionando a criação de novas microconstruções, esse esquema permite renovar, constantemente, a rede de construções conectoras, principalmente as que são associadas a relações com tempo, causa, condição, concessão. Ao longo do tempo, essas sequências podem sofrer importantes mudanças tanto nas suas propriedades morfossintáticas como semânticas, estendendo-se para novos contextos de uso.

A polifuncionalidade e a natureza intermediária de elementos e sequências complexas que ligam orações e/ou segmentos do discurso ficam evidentes nas diferentes denominações que essas unidades recebem na literatura linguística: conjunções, conectores, subordinadores adverbiais complexos, advérbios juntivos, elementos de coesão, articulador discursivo. Essa diversidade de classificações desses elementos exemplifica bastante bem a dificuldade de se delimitar claramente a natureza morfossintática desses elementos ou sequências de elementos. Um primeiro problema diz respeito aos traços que especificam o grupo das denominadas conjunções adverbiais. Numa tentativa de sistematização baseada em evidências tipológicas, Kortmann (1994) propõe que conjunções adverbiais constituem um conjunto de elementos que partilham as seguintes propriedades: não admitem flexão de gênero ou número, nem marcação de caso; não podem desempenhar papéis argumentais; assumem posição fixa na oração, geralmente na margem esquerda; operam sobre uma oração finita e não se restringem a uma determinada modalidade ou registro de fala (cf. também OLIVEIRA, 2018; NEVES e CONEGLIAN, 2018). A conjugação dessas propriedades resulta em um *continuum* de membros mais centrais e membros mais periféricos, ou mais representativos e menos representativos, nos termos de Keyzer (2007), no conjunto de conectores adverbiais de uma língua.

Além disso, o conjunto de conectores exemplifica bastante bem a gradiência intrasectiva, nos termos de Aarts (2004, 2007), incluindo elementos de diferentes graus de centralidade. Oliveira (2018), por exemplo, propõe uma gradação de três níveis de lexicalidade/gramaticalidade de diferentes conectores adverbiais, considerados como conjunções pela autora, de acordo com a maior ou menor preservação ou obscurecimento de traços lexicais. Dessa forma, a autora considera que, no domínio da causalidade, a construção *por causa de que* se encontra em um polo de maior lexicalidade, ao passo que a conjunção *porque* se situa num ponto de maior gramaticalidade. Numa posição intermediária estariam conectores como *posto que*, *visto que*, que incorporaram, ao longo do tempo, significados mais abstratos. De forma similar, Neves (2006, p. 258) propõe uma escala de gramaticalidade no conjunto das denominadas coordenadas adversativas no sentido: *entretanto/contudo/todavia* → *porém* → *mas*; o que, na opinião da autora, pode explicar por que um mesmo elemento se comporta como seu vizinho da direita ou da esquerda. Um problema, no entanto, é que um *continuum*, como o exemplificado acima, não leva em conta a polissemia característica de muitos conectores, como é o caso dos adverbiais, em consequência

da própria fluidez das fronteiras entre relações semânticas, como tempo/causa, causa/condição/concessão. Um estudo da gradiência entre diferentes membros de uma categoria requer identificar o conjunto de propriedades que pode resultar em categorias intermediárias em função da trajetória específica de cada um dos diferentes membros.

Como proposto por Halliday e Hasan (1976), os conectores colaboram apenas de forma indireta na construção da coesão textual, na medida em que a interpretação do seu significado envolve a presença de outros elementos no discurso. Dada a natureza interacional da linguagem, em que tanto o contexto linguístico como o extralinguístico desempenham papel fundamental na interpretação, podem emergir ambiguidades (“*bridge contexts*”, nos termos de HEINE, 2002, ou “contextos críticos”, para DIEWALD, 2002), propiciando reanálises que podem conduzir a novos pareamentos forma-significado.

Como destacado por Medeiros (2017, p. 45), “embora todos os conjuntos de conectores estejam sujeitos à renovação constante, o paradigma de conectores contrastivos mostra maior variação intralinguística e são mais facilmente e rapidamente renovados nas línguas” (cf. também ROCHA, 2006; DUUE, 2008; LONGHIN-THOMAZI, 2009; SILVA, 2010; BOTARO, 2010; ALVES, 2016; OLIVEIRA, 2018). Nas seções seguintes, focalizamos mais especificamente a trajetória da construção contrastiva *entretanto* no português brasileiro, buscando exemplificar e discutir alguns dos aspectos levantados nesta seção.

3. O percurso de *entretanto*: entre advérbio e conector

A maioria das gramáticas do português inclui *entretanto* no grupo das conjunções coordenativas adversativas (ver, por exemplo, CEGALLA, 1984). No entanto, como destaca Bechara (2010), diferentemente das conjunções coordenativas prototípicas (*e*, *ou*), as denominadas adversativas não podem ligar várias orações. Como nem sempre é possível delimitar com clareza a fronteira entre os usos adverbiais de alguns dos elementos de junção adversativa, eles são situados em categorias intermediárias, como se pode constatar no quadro 1 para *entretanto*.

QUADRO 1. Classificação de *entretanto*

Said Ali (1964, p. 223)	Situado “na fronteira indecisa que medeia entre o advérbio e a conjunção.”
Neves (2000, p. 241)	Incluído entre os “advérbios que operam conjunção de orações: são advérbios juntivos”.
Mira Mateus et al. (2003, p. 569)	Inserido no grupo dos “conectores contrastivos”. Obs 1. <i>entretanto</i> também aparece como advérbio de tempo. Obs 2. as autoras distinguem conjunção de conector.
Bechara (2009, p. 322)	Inserido no conjunto das “unidades adverbiais que não são conjunções coordenativas”; “(...) advérbios que estabelecem relações interacionais ou intertextuais”.
Bagno (2011, p. 891 e 899)	Inclui <i>entretanto</i> na classe dos advérbios.

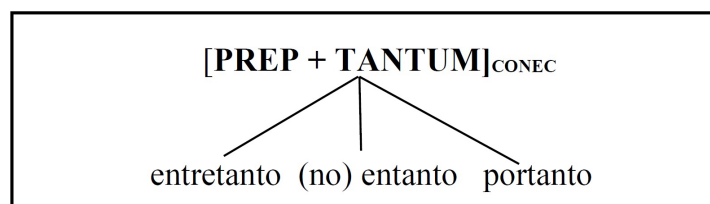
Fonte: Reproduzido de Medeiros, 2017, p. 23

A diferenciada classificação de *entretanto* decorre, naturalmente, da imprecisão das fronteiras entre preposição, conector e advérbio. Originado de um *chunking* formado pela junção da

preposição ENTRE seguida do quantificador TANTUM (BARRETO, 1999, p. 293; MEDEIROS, 2017), na sua base, *entretanto* estabelece coesão anafórica, o que constitui uma condição favorável à reanálise dessa sequência como conector (cf. CASTILHO, 2014).

Numa perspectiva construcional, podemos considerar que *entretanto* constitui uma micro-construção licenciada por um subesquema mais geral ao qual se ligam outros conectores, como mostra a figura 1.

FIGURA 1. Esquema em que se insere *entretanto*



Fonte: MEDEIROS, 2017, p. 30

Numa perspectiva de rede hierárquica, com construções de diferentes graus de esquematização, podemos pressupor que esse esquema está ligado a um padrão construcional mais alto [PREP X]_{conec}, de maior produtividade, na medida em que o *slot* X pode ser preenchido por formas verbais, nominais ou adverbiais.

Buscando identificar a trajetória percorrida pela construção *entretanto*, Medeiros (2017) procedeu a uma análise de textos representativos do português arcaico (séculos XIII, XIV, XV e primeira metade do séc. XVI); do português clássico (segunda metade do século XVI, séculos XVII e XVIII) e da variedade moderna/contemporânea do português brasileiro (séculos XIX, XX e XXI)⁶. Visando assegurar a comparabilidade dos resultados para os diferentes períodos, o corpus foi uniformizado em torno de 3.200.000 palavras por período. Os textos selecionados representam gêneros diversificados, tais como crônicas, crônicas históricas, biografias de reis, de santos ou de personalidades, textos jurídicos, cartas pessoais, administrativas e cartas dos eleitores, textos religiosos, textos técnicos, tratados científicos e textos jornalísticos, como notícias, reportagens, editoriais, horóscopo.

O levantamento dessa amostra permite atestar as primeiras ocorrências de *entretanto* no século XIV, como no exemplo 1.

- (1) “E o iffante e Diogo Lopez partiro~ el rey (dom Sancho) dely (villa d’Alffaro) e foyssse a Bordeeos a se veer co~ el rey de França. *Entretanto*, el rey do~ Afonso d’Arago~ e Gascom de Bearte e do~ Diogo, irma~ao do conde do~ Lopo, e do~ Afonso de Laçerda e do~ Ferna~do Guedelha, seu irma~ao, co~ grande gente, e~traro~ no reyno de Castela.” (Crónica de Afonso X, na Crónica Geral de Espanha – século XIV)

⁶ A periodização adotada segue a proposta de Mattos e Silva (2007).

No trecho (1), *entretanto* inicia um segmento de discurso associado por uma relação temporal de simultaneidade com o estado de coisas apresentado no trecho precedente, com um sentido próximo de *enquanto isso*. Dom Sancho, o infante Dom João e Diogo Lopes partiram da vila d’Alffaro para Bordéus, enquanto isso o rei Dom Afonso e seus acompanhantes entraram em Castela.

Ao longo de sua trajetória, foram identificados usos de *entretanto* mais próximos de uma construção adverbial temporal (exemplo 2) e usos juntivos, ligando orações ou segmentos discursivos maiores.

- (2) “E foi esta a primeira sessão dele, das do tempo do Papa Pio IV, mas décima sétima, contando as que precederam, em vida dos Papas Paulo e Pio tércios. Logo ficou nomeado dia pera a segunda, e lançada pera os vinte seis de Fevereiro. *Entretanto* se tratava com grande calor, em juntas contínuas, que matérias convinha serem as primeiras, pera se irem logo estudando, disputando e discutindo.” (A Vida de D. Frei Bartolomeu dos Mártires – séc. XVII)

Em (2), *entretanto* retoma uma informação apresentada no período anterior e situa temporalmente o estado de coisas descrito no trecho seguinte. Na primeira sessão do Concílio, já ficara decidido o dia da próxima reunião, prevista para o dia 26 de fevereiro. No intervalo de tempo que separa essa decisão e a realização da segunda reunião, as juntas discutiram sobre as matérias a ser priorizadas, com vistas a preparar a próxima reunião do Concílio.

Dada a sua natureza anafórica, *entretanto* pode funcionar como um conector, garantindo a coesão entre partes do texto, como exemplificado em (3).

- (3) O que Burdeos com grande artifício depois, executou, de modo, que antes parecesse, que faltava ao serviço de seu Príncipe, q o Príncipe a sua palavra. Esta he, não só fineza, mas obrigação dos ministros, contra o costume de alguns, que por se fazer agradaveis aos pretendentes, revelando individamente o segredo de seus senhores, justo, ou injusto, os relaxão ao odio popular, entregãdo sempre suas determinaçoens ao povo, a pesar do secreto, e da religiosa cerimonia do voto, que era devido observassem; ou levados de hũ engano inutil, q contra a mesma cõciencia os faz escrupulosos; ou do interesse da reputação, que pretêdem aumêtar, diminuindo o credito, e fama dos Reys: cousa que o mundo, não poucas vezes tem visto, e pode ser que esteja vendo.

Entretanto Dom Alonso de Cárdenas, regulando a importancia de suas esperanças, pello valor do que lhe custavão de ouro, assegurava ao Cardeal Infante, e ao General Oquendo, tres cousas, em as quaes recebia de aquelles ministros, tão grande engano, como ministrava aos Espanhoes. (Epanáforas de vária história portuguesa – séc. XVII)

O trecho (3) se insere em uma narrativa do conflito entre espanhóis e holandeses no canal da Inglaterra. Os holandeses queriam o apoio do rei francês, o que não era de interesse dos conselheiros da França. Assim fizeram um acordo para simular apoio aos holandeses, mas em segredo ordenaram ao *Monsieur* de Bordéus que se preparasse de modo que não fosse testemunha ou

cúmplice do conflito entre Espanha e Holanda. No trecho em (3), o narrador conta que o *Monsieur* de Bordéus fez o que lhe foi solicitado, fazendo parecer que o rei francês mantivera sua palavra. Segue-se um longo comentário do narrador sobre a devida obediência dos ministros ao rei. *Entretanto* liga esse segmento textual ao discurso seguinte, em que o narrador passa a falar sobre a atitude dos espanhóis. Embora *entretanto* mantenha o sentido temporal, sua função é mais próxima à de um juntivo discursivo.

Em muitas instâncias, como no trecho (4), a natureza morfossintática de *entretanto* é mais ambígua.

- (4) “e trás elas se levantou ua tamanha grita e vozes de todos os nossos e até dos da frota, chamando por Santiago, que confundindo-se aquele grande número de inimigos, já com a grita que chegava às nuvens, já com o canto temeroso das trombetas, que de diversas partes soavam, já com o estrondo da artilheria, que nao cessava de jogar por toda a roda da fortaleza e cegar e envolver a luz da manha, nao havia entre eles capitao que soubesse mandar, nem soldado que atinasse aonde deviam acudir. *Entretanto* os dous Meneses, cada um por sua parte, iam despejando a cava à força de pólvora e fogo, instrumento mais odioso pera este gentio que todas as outras nossas armas;” (Anais de D. João III – séc. XVII).

Assim como nos exemplos anteriores, em (4), a construção *entretanto* indica a simultaneidade temporal de um estado de coisas com o que é narrado no discurso precedente: ao mesmo tempo que havia uma enorme confusão, devido à gritaria e a outros sons da batalha e à falta de orientação dos soldados inimigos, os dois Meneses continuavam atacando. Contudo, é difícil determinar se *entretanto* possui escopo sobre o estado de coisas por ele introduzido ou se apenas estabelece junção entre os segmentos textuais.

A análise permite constatar que essa polifuncionalidade de *entretanto* remonta ao final do período arcaico do português e se estende pelos séculos seguintes.

TABELA 1. Distribuição dos usos de *entretanto* ao longo do tempo

FUNÇÃO / SÉCULO	Advérbio	Juntivo oracional	Juntivo discursivo	Ambíguo	TOTAL
XIII	0	0	0	0	0
XIV	2 = 66,7%	0	0	1 = 33,3%	3
XV	3 = 42,9%	0	0	4 = 57,1%	7
XVI - 1	6 = 85,7%	1 = 14,3%	0	0	7
XVI - 2	46 = 83,6%	8 = 14,5%	0	1 = 1,8%	55
XVII	78 = 86,7%	6 = 6,7%	1 = 1,1%	5 = 5,6%	90
XVIII	17 = 77,3%	4 = 18,2%	0	1 = 4,5%	22
XIX	34 = 28,1%	63 = 52,1%	24 = 19,8%	0	121
XX	24 = 11,6%	131 = 63,3%	52 = 25,1%	0	207
XXI	1 = 1,1%	57 = 64,8%	30 = 34,1%	0	88

Fonte: MEDEIROS, 2017, p. 74

Mesmo que escassas, as primeiras ocorrências de *entretanto* sugerem que a função adverbial precede sua função conjuntiva, embora um caso de ambiguidade já seja atestado no século XIV. Instâncias de *entretanto* conjuntivo oracional são um pouco mais tardias (primeira metade do século XVI), e ganham frequência *token* expressiva a partir do século XIX. É também no período contemporâneo que são atestadas as primeiras ocorrências de *entretanto* como conjuntivo discursivo.

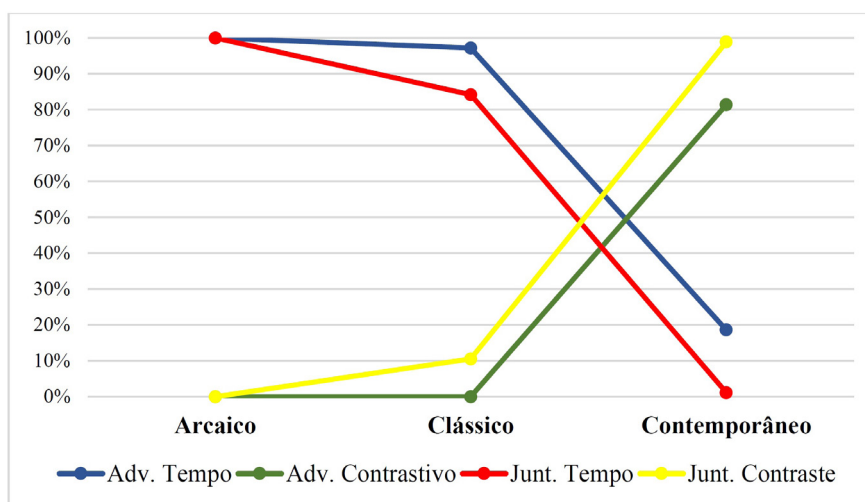
Como já mostraram diversos trabalhos (cf. BARRETO, 1999; ROCHA, 2006; BOTARO, 2010; SILVA, 2010; ALVES, 2016; MEDEIROS, 2017, dentre outros), principalmente como conjuntivo, *entretanto* desenvolveu, ao longo do tempo, usos no domínio da contrajunção, ou do contraste, como no exemplo (5).

- (5) “As notícias dos espancamentos, dos arrochos com cordas e algemas, dos suicídios de escravizados mancham diariamente a história do vosso reinado, mosqueando a vossa púrpura de modo a ser natural confundi-lo com a pele de um tigre. *Entretanto*, Vossa Majestade conserva-se impassível.” (A Campanha Abolicionista – séc. XIX)

Em (5), as informações contidas no primeiro período abordam a violência que as pessoas escravizadas estavam sofrendo e suas repercussões negativas para o império e à imagem do imperador. Essa situação autoriza a expectativa de que o imperador se preocupe com a situação e busque meios de remediá-la, o que é negado na oração introduzida por *entretanto*.

Segundo os resultados do gráfico 1, o uso de *entretanto* como conjuntivo temporal decresce ao longo do tempo, enquanto aumenta o seu uso no domínio do contraste.

GRÁFICO 1. Distribuição de *entretanto* por significado e função



Fonte: Produzido pelas autoras

Como se pode observar no gráfico 1, não há relação um a um entre a categoria morfossintática de *entretanto* e seu valor semântico. Diferentemente do que se poderia esperar, tanto nos seus usos adverbiais como nos seus usos conjuntivos, *entretanto* pode estabelecer relações tanto no

domínio do tempo como no domínio de contraste. Embora as ocorrências da construção adverbial estejam claramente associadas ao domínio temporal nos períodos arcaico e clássico do português, com valores quase categóricos, ela se estende de forma significativa para o domínio do contraste no período moderno/contemporâneo. Nesse mesmo período, constata-se a extensão do uso conjuntivo para a expressão de contraste, um uso já incipiente no período clássico.

Como já destacamos, uma característica inerente de *entretanto* temporal é a sua anaforicidade, acrescentando ao estado de coisas descrito na oração em que se encontra uma delimitação temporal, que é retomada do contexto antecedente. Segundo Medeiros (2017), a informação temporal associada a *entretanto* envolve o que Kortmann (1997) denomina coextensividade, ou seja, que dois estados de coisas possuam a mesma duração. Essa nuance temporal pode estar relacionada, inclusive, aos traços semânticos da preposição ENTRE que pressupõe um limite inicial e um limite final, seja ele espacial ou temporal. Nos casos em que essa delimitação é menos explícita, como no exemplo (6), emergem ambiguidades que podem ter contribuído para o desenvolvimento do sentido contrastivo da construção.

- (6) “Verdade he que ha ainda outro Missionario que he o quarto e ultimo por nome Fr. Ludovico de Liorne, o qual se acha de quinze annos a esta parte com summo e incessante trabalho, occupado no Central da Commarca dos Ilhéos na civilização e Evangelica instrucção de huma Tribu de Indios selvagens de nação Camocan que elle mesmo descobrio no interior desses bosques medonhos, e attrahio para a Freguezia de S. Pedro de Alcantara mas que **entretanto** se elle ou pela idade em que vai muito avançado já, sessenta e tres annos, ou por molestias a que succumbe pelas grandes fadigas e privações que soffre’ necessariamente nesses lugares tão agrestes, morrer ou fôr obrigado a se retirar, não havendo aqui Missionario que o possa substituir, ficarão em consequência baldados tanto para o Imperio, coma para a Religião, todos os seus copiosos suores, cuidados e trabalhos, e voltado esses pobres Indigenas a seu estado prmitivo de barbarismo e selvageria.” (Annaes do Rio de Janeiro – séc. XIX)

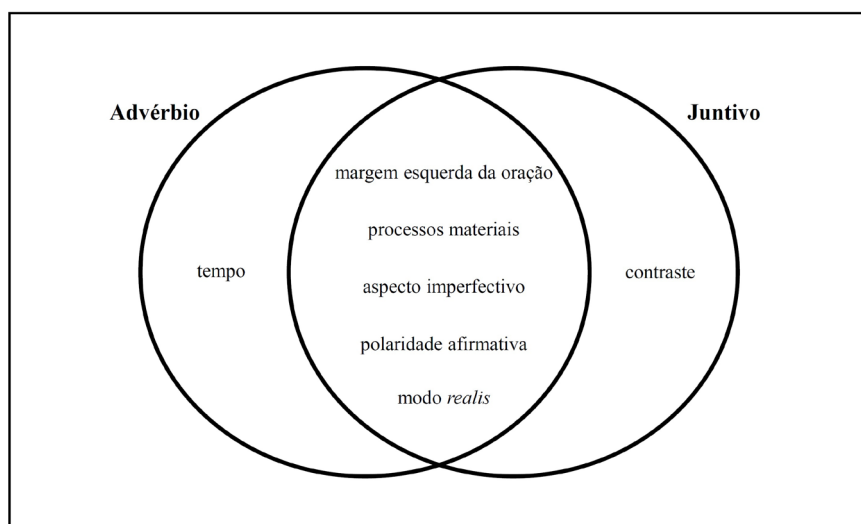
Em (6), o autor salienta as dificuldades e o possível comprometimento do trabalho de evangelização dos indígenas no caso de morte de um dos poucos missionários que ainda atua na região. O contexto anterior a *entretanto* não delimita claramente o intervalo temporal em que tal situação pode ocorrer. O significado de *entretanto*, nesse caso, parece ser mais próximo de “nesse meio tempo”, “nesse ínterim” do que de “enquanto isso”. Com a ausência de delimitação temporal no contexto, a ligação anafórica de *entretanto* fica mais opaca, criando contextos favoráveis para a implementação da construção contrastiva. Como mostra Medeiros (obra citada), outras características do contexto em que se situa *entretanto*, como polaridade negativa e modo *irrealis*, colaboram para a interpretação de contraste.

Do que foi visto até este ponto, destaca-se a coexistência de usos diferenciados de *entretanto*, num gradiente em que algumas ocorrências apresentam maior número de propriedades adverbiais e outras, de propriedades mais características das construções conectoras, embora compartilhem consideráveis traços morfossintáticos, como detalhado na seção 4.

4. Convergências entre *entretanto* adverbial e conjuntivo

Uma análise mais detalhada de diferentes características morfossintáticas e contextuais de *entretanto* permite depreender algumas evidências relativas aos traços em que convergem as instâncias adverbiais e conjuntivas, como sintetizado na figura 2.

FIGURA 2. Convergências nos usos de *entretanto*



Fonte: Produzido pelas autoras

A figura 2 apresenta as propriedades morfossintáticas de *entretanto* na função adverbial e na função conjuntiva, tomando por base as frequências predominantes, o que significa que não se trata de associações categóricas. Observam-se muitos pontos convergentes entre os usos adverbiais e conjuntivos: posição preferencial na margem esquerda da oração, coocorrência com processos materiais e em orações com aspecto imperfeito, polaridade afirmativa e modo *realis*.

Dentre essas propriedades, a posição de *entretanto* merece destaque, por ser um dos principais argumentos convocados para a categorização desse elemento como advérbio ou como conjunção (cf. dentre outros, BECHARA, 2009; AZEREDO, 2010; CASTILHO, 2014; BAGNO, 2011). Embora alegue-se que a categoria advérbio possui maior mobilidade na oração, há uma tendência de enrijecimento da posição de *entretanto* nas duas funções.

Um outro argumento para defender que *entretanto* se insere em uma categoria intermediária é a possibilidade de que ele coocorra com outros elementos conectores (cf. SAID ALI, 1964, p. 223; BECHARA, 2009, p. 323; AZEREDO, 2010, p. 250; BAGNO, 2011, p. 891; CASTILHO, 2014, p. 354). Em tese, essa propriedade distinguiria os membros mais centrais da categoria conjunção coordenativa, como *e* e *mas* de outros mais marginais. Contudo, é duvidoso que ela constitua um critério decisivo, para a distinção entre *entretanto* adverbial e *entretanto* conjuntivo. A análise permitiu constatar que nos usos conjuntivos é realmente rara a coocorrência de *entretanto* com outro conector. Nos seus usos adverbiais, por sua vez, essa propriedade se relativiza de acordo com a relação semântica. Nas ocorrências de *entretanto* como advérbio temporal, é pouco frequente a coocorrência com outro conector. Com o sentido contrastivo, porém, *entretanto* é

frequentemente precedido, principalmente, da conjunção *e*. Essa tendência parece indicar uma especialização de *entretanto* adverbial contrastivo, que fica mais restrito a contextos em que outros elementos estabelecem a junção das orações. No período contemporâneo, parece estar se delineando, portanto, uma característica mais específica ao uso adverbial do que ao uso juntivo.

Nenhuma das propriedades particulares a *entretanto* adverbial ou juntivo é categórica, apresentando um *continuum* de maior ou menor frequência. Não constituem, portanto, critério suficiente, para caracterizar maior centralidade dessa forma em uma ou outra categoria. A diferença mais saliente diz respeito à maior tendência de os usos adverbiais veicularem sentidos temporais, enquanto os usos juntivos expressarem, mais frequentemente, sentidos no domínio contrastivo. No entanto, a especificação semântica não chega a ser uma característica suficiente, para delimitar as categorias advérbio e conector. É necessário levar em conta que o sentido temporal pode ser veiculado por um advérbio, como “ontem”, ou por uma conjunção, como “quando” ou “antes que”. Ao que tudo indica, o sentido no domínio contrastivo, diferentemente do temporal, parece estar mais “enraizado” na função juntiva de *entretanto*. No período contemporâneo do português brasileiro, parece se delinear, portanto, uma mudança construcional mais evidente no uso juntivo de *entretanto*, sinalizando o surgimento de uma nova construção na rede de construções de contrajunção.

5. Conclusão

Alguns aspectos da trajetória de *entretanto* ao longo da história do português foram retomados neste artigo, para ilustrar a relação de gradiência entre categorias morfossintáticas e mudança linguística. Destacamos a visão de gradiência como um *continuum* entre categorias e a dificuldade de estabelecer critérios necessários ou suficientes para a inclusão de um elemento A numa categoria C. Essa dificuldade pode ser contornada de uma forma teórica e descritivamente mais adequada na perspectiva dos Modelos Baseados no Uso, para os quais categorização envolve efeitos de protótipos e coexistência de membros centrais e periféricos.

Considerando instâncias do uso de *entretanto* nos diferentes períodos do português, mostramos que, ao longo de toda a sua trajetória, essa forma apresenta usos em que convergem algumas propriedades que tanto podem ser atribuídas a construções adverbiais como a construções que estabelecem coesão discursiva, como é o caso dos conectores. Pode ser considerada, portanto, um membro de uma classe intermediária.

As mudanças sofridas por *entretanto*, principalmente no período moderno/contemporâneo do português, envolveram tanto aspectos semânticos como formais. Do ponto de vista formal, destaca-se uma quase fixação de *entretanto* na margem esquerda da oração, reforçando assim sua função de ligação com o contexto anterior, característica dos conectores adversativos. Por outro lado, ao manter a possibilidade de ser precedido por uma conjunção coordenativa, *entretanto* apresenta uma propriedade mais característica de um elemento adverbial. No polo do significado, a mudança mais saliente de *entretanto* diz respeito ao seu deslizamento de relações no domínio temporal para relações no domínio de contraste.



CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

As duas autoras contribuíram de forma equilibrada para o desenvolvimento do artigo, tanto no que se refere à sua concepção quanto à sua redação, revisão e edição. Colaboraram igualmente na análise dos dados que constituem a base da discussão teórica que norteia o artigo.

FINANCIAMENTO

O artigo se insere em um projeto mais amplo de estudos de conectores, financiado por uma bolsa de produtividade em pesquisa do CNPq.

CONFLITO DE INTERESSES

Não há conflito de interesses.

REFERÊNCIAS

- AARTS, Bas. Modelling linguistic gradience. *Studies in Language*, v. 28, n.1, p. 1-50, 2004.
- AARTS, Bas. *Syntactic Gradience: The Nature of Syntactic Indeterminacy*. Oxford: OUP, 2007.
- ALVES, Flávia Cambi. **História e mudança**: os juntores derivados de tanto e seus diferentes padrões de uso sob o olhar da gramaticalização. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2016.
- AZEREDO, José Carlos de. **Fundamentos de Gramática do Português**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- BAGNO, Marcos. **Gramática Pedagógica do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- BARRETO, Terezinha M. M. **Gramaticalização das conjunções na história do português**. 326 f., v. I e II. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1999.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37 ed. rev. ampl. e atualizada. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.
- BECHARA, Evanildo. **Gramática escolar da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.
- BOLINGER, Dwight L. **Generality, Gradience and The All-Or-None**. The Hague: Mouton, 1961.
- BOLINGER, Dwight L. **Aspects of Language**. 2nd ed. New York: Harcourt, Brace, Jovanovich, 1975.
- BOTARO, Tatiana Cian. **Uma abordagem do funcionamento discursivo das construções adversativas sob a ótica da gramaticalização**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2010.
- BOYLAND, Joyce. T. Usage-based models of language. In: EDDINGTON, D. (ed.), **Quantitative and experimental linguistics**. Muenchen: LINCOM GmbH, 2009, p. 351-419.



- BYBEE, Joan. From usage to grammar: The mind's response to repetition. **Language** v. 82, p. 711–733. 2006.
- BYBEE, Joan. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- BYBEE, Joan; HOPPER, Paul. (eds). **Frequency and the Emergence of Linguistic Structures** [Typological Studies in Language 45]. Amsterdam: John Benjamins, 2001.
- BYBEE, Joan; MODER, Carol L. Morphological classes as natural categories. **Language** v. 59, n 2, p. 251-270, 1983.
- CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2014.
- CEGALLA, Domingos. P. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1984.
- CEZARIO, Maria. Maura; SILVA, T. S.; SANTOS, M. P. Formação da construção [XQUE]CONEC no português. **Revista e-escrita** (Revista do Curso de Letras da Uniabeu), Nilópolis, v. 6, n. 3, p. 229-243, 2015.
- CINTRA, Luís Filipe Lindley (ed.), **Crónica Geral de Espanha de 1344**, 4 vol., Lisboa: Academia Portuguesa de História/Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1951, 1964, 1971, 1990.
- CROFT, William. **Radical Construction Grammar: Syntactic Theory in Typological Perspective**. Oxford: OUP, 2001.
- CROFT, William. Beyond Aristotle and gradience: a reply to Aarts. **Studies in Language**, v. 31, p. 409-430, 2007.
- DANĚŠ, F. The relation of centre and periphery as a language universal. **Travaux linguistiques de Prague**, v. 2, p. 9-21, 1966.
- DENISON, David. Gradience and linguistic change. In: BRINTON, Laurel J. **Historical Linguistics 1999: Selected Papers from the 14th International Conference on Historical Linguistics**. Amsterdam: John Benjamins. 2001, p.119-144.
- DIESEL, Holger. Usage-based linguistics. In: ARONOFF, Michel (ed.). **Oxford Research Encyclopedia of Linguistics**. New York: Oxford University Press, 2017.
- DIESEL, Holger. **The grammar network**. How linguistic structure is shaped by language use. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.
- DIEWALD, Gabriele. A model for relevant types of contexts in grammaticalization. In: WISCHER, Ilse; DIEWALD, Gabriele (eds.). **New Reflections on Grammaticalization**. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins, 2002. p. 103-120.
- DUQUE, Paulo Henrique. **Contrastes e Confrontos: um estudo funcional do elemento *mas* na fala e na escrita**. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2008.
- FERNANDES, Monique. P. K. S. **A formação das microconstruções *uma vez que*, *já que* e *assim que*: uma abordagem cognitivo-funcional**. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.
- GOLDBERG, A. E. **Constructions at work: The nature of generalization in language** (Oxford Linguistics). Oxford: Oxford University Press, 2006.



HALLIDAY, M; HASAN, R. **Cohesion in English**. Essex: Longman, 1976.

HEINE, Bernd. On the role of the context in grammaticalization. *In*: WISCHER, Ilse; DIEWALD, Gabriele (eds.). **New reflections on grammaticalization**. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins, 2002. p. 83-101.

HOPPER, P. J. Emergent grammar. *In*: ASKE, J.; BERRY, N.; MICHAELIS, L.; FILIP, H. (eds.). **Berkeley Linguistics Society 13: General Session and Parasession on Grammar and Cognition**. Berkeley CA: Berkeley Linguistics Society, 1987. p. 139-157.

KEMMER, S.; BARLOW, M. Introduction: a usage-based conception of language. *In*: BARLOW, M; KEMMER, S. (eds.). **Usage-based models of language**. Stanford: CSLI Publications, 2000. p. vii-xxviii.

KEYZER, E. The lexical-grammatical dichotomy in functional discourse grammar. **Alfa**, São Paulo, 51 (2), p. 35-56, 2007.

KORTMANN, Bernd. **Adverbial Subordinators in the Languages of the Europe: Towards a Typology and History**. Eurotyp Working Papers, v. 8, 1994.

KORTMANN, Bernd. **Adverbial subordination**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997.

LAKOFF, G. Cognitive models and prototype theory. *In*: Neisser, U. (ed.). **Concepts and Conceptual Development: Ecological and Intelligence Factors in Categorization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987b. p. 63-100.

LEHMANN, C. New reflections on grammaticalization and lexicalization. *In*: WISHER, Ilse; DIEWALD, Gabriele. **New reflections on grammaticalization**. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins, 2002, p. 1-18.

LONGHIN-THOMAZI, S.R. Grammaticalization of conjunctions. *In*: CASTILHO, A. T. (org.) **História do Português Paulista**. Campinas: UNICAMP / Publicações IEL, 2009. p. 577-583.

MIRA MATEUS, Maria Helena. Et al. **Gramática da Língua Portuguesa**. 7. ed. Lisboa: Caminho, 2003.

MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia. Novas contribuições para a história da língua portuguesa: ainda os limites do português arcaico. **Diadorim**, v. 2, p. 99-113, 2007.

MEDEIROS, Priscila Thaiss da Conceição de. **Gramaticalização de conectores: um estudo diacrônico de entretanto e no entanto**. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

MELO, D. Francisco Manuel de. **Epanáforas de vária história portuguesa**, Lisboa: Oficina de Henrique Valente de Oliveira, 1660.

MORAES, Evaristo de. **A Campanha Abolicionista**. Rio de Janeiro: L. Ribeiro Freitas Bastos, 1924.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de Usos do Português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

NEVES, Maria Helena de Moura. Conectar significados: a formação de enunciados complexos. *In*: NEVES, Maria Helena de Moura. **Texto e gramática**. São Paulo: Contexto, 2006. p.223-269.

NEVES, Maria Helena de Moura; CONEGLIAN, André Vinícius Lopes. O estatuto categorial dos subordinadores adverbiais complexos numa visão cognitivo-funcional da linguagem. **Entrepalavras**, v. 8, n. esp., p. 09-27, set. 2018.

OLIVEIRA, Simone Silva de. **Construcionalização/mudanças construcionais de *porém*, *contudo* e *todavia***: um estudo pancrônico à luz dos Modelos Baseados no Uso. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

ROCHA, Ana Paula Antunes. **Gramaticalização das conjunções adversativas em português**: em busca da motivação conceptual do processo. Tese (Doutorado em Letras) – Departamento de Letras, PUC-RJ, Rio de Janeiro, 2006.

ROSCH, E. Natural categories. **Cognitive Psychology**, n. 4, p. 328-350, 1973b.

ROSCH, E. Cognitive representations of semantic categories. **Journal of Experimental Psychology: General**, n. 104, p. 192-233, 1975.

SAID ALI. M. **Gramática Histórica da Língua Portuguesa**. 6ª ed. SP: Edições Melhoramentos. 1964.

SANTOS, M. P. K.; CEZARIO, M. M. Estudo cognitivo-funcional da formação da construção [XQUE] CONECT no Português. **Gallæcia**: estudos de linguística portuguesa e galega, III Congresso Internacional de Linguística Histórica, Santiago de Compostela, 2017, p. 959-974.

SANTOS, M. P. K.; SILVA, T. S. Conectores advindos da construção [XQUE]conect no português: uma visão construcional de mudança. **Revista LaborHistórico**. Rio de Janeiro, 5 (1): p. 53-69, jan./jun. 2019.

SAPIR, E. **Language: An Introduction to the Study of Speech**. New York: Harcourt, Brace and Company/ Harvest Books, 1921/1957.

SILVA, Baltazar da. **Annaes Do Rio de Janeiro**: Contendo a Descoberta e Conquista Deste Paiz, a Fundação Da Cidade Com a Historia Civil e Ecclesiastica, até a Chegada d'el-Rei Dom João VI: Além de Noticias Topographicas, Zoologicas, e Botanicas. Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de Seignot-Plancher e Ca. <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/242739>

SILVA, Thiago dos Santos. **A formação de conectores concessivos e concessivo-condicionais instanciados pelo esquema [XQUE] em português**: uma análise construcional de mudança. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 2019.

SILVA, Tatiana Mazza da. **Gramaticalização de juntivos adversativos na história do português**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, UNESP, São José do Rio Preto, 2010.

SOUSA, Fr. Luiz de. **ANNAES de El Rei Dom João Terceiro**. Publicados por A. Herculano. Lisboa: Typ. da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, 1844.

SOUSA, Frei Luís de. **Vida de D. Frei Bertolameu dos Mártires**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda e Movimento Bartolomeano, 1984. Print.

TAYLOR, J.R. **Linguistic categorization**: prototypes in linguistic theory. 2nd edition. Oxford: Clarendon Press, 1995.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G; (eds). **Gradience, gradualness and grammaticalization**. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins, 2010.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and constructional changes** (Oxford Studies in Diachronic & Historical Linguistics). Oxford: Oxford University Press, 2013.



TROUSDALE, G.; TRAUGOTT, E. C. Gradience, gradualness and grammaticalization: How do they intersect? *In*: TRAUGOTT, E. C; TROUSDALE, G; (eds). **Gradience, gradualness and grammaticalization**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2010. p. 19-44.

TROUSDALE, G. Change in category membership from the perspective of construction grammar: A commentary. *In*: Van Goethem, K.; Norde, M.; Coussé E.; Vanderbauwhede, G. (eds.). **Category Change from a Constructional Perspective** (Constructional Approaches to Language). Amsterdam: John Benjamins. 2018. p. 291-308.

VAN GOETHEM, K.; NORDE, M.; COUSSÉ E.; VANDERBAUWHEDE, G. (eds.). **Category Change from a Constructional Perspective** (Constructional Approaches to Language). Amsterdam: John Benjamins. 2018.

WITTGENSTEIN, L. **Philosophical Investigations**. 3rd edition. Traduzido por Anscombe, G. E. M. Oxford: Blackwell, 1953/1958/1968. [Parcialmente reimpresso *in*: Aarts, B. *et al.*, 2004].